

Luzes da Índia

UASHI
SHANAY



Um grupo de professores, ajudado pelos livros fornecidos pela embaixada da Índia, fez, após muitas pesquisas, um apanhado da filosofia e dos mistérios que dominam naquela vasta região da Ásia.

Documentos em sânscrito, utilizados por uma civilização adormecida, são hoje ressuscitados, graças à grande vontade desses pesquisadores.

Neste livro, que é justamente intitulado LUZES DA ÍNDIA, há preces formuladas por monges que viveram há séculos, como também textos de uma magnífica e sonhadora Shanay, que deixou seus sonhos em papéis guardados hoje pelo mencionado grupo, que revelará, futuramente, a verdadeira história dessas manifestações vindas do Oriente.

Estão a merecer elogios os componentes deste grupo unido.

UASHI
SHANAY

Luzes da Índia

2ª Edição

CAPA - Manoelito Damasceno
ILUSTRAÇÕES - C. Lauria
MANUSCRITOS - Nilton Souza Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Uashi

Luzes da Índia / Uashi, Shanay ; [Olivia S. Wenceslau da Silva , organizadora ; tradução e adaptação do original Olivia S. Wenceslau da Silva [et.al.]]. -- 2. ed. -- São Paulo : Carthago Editorial, 2002.

Vários pesquisadores.
Bibliografia.

1. Cultura - Índia 2. Filosofia indiana 3. Literatura sânscrita 4. Misticismo - Índia 5. Orações 6. Poesia indiana I. Shanay. II. Título.

02-1804

CDD-306.0954

Índices para catálogo sistemático:

1. Cultura indiana : Sociologia 306.0954
2. Índia : Cultura : Sociologia 306.0954

Toda a renda deste livro será destinada às obras assistenciais para crianças desamparadas.

Carthago Editorial Ltda.

Rua General Jardim, 272 — 2º andar — Conj. 24
01223-010 — São Paulo — SP
Fones: (011) 3151-5785 — Fax: (011) 3257-2258
Web Site: <http://www.carthago.com.br>
E-mail: carthago@carthago.com.br

APRESENTAÇÃO

“Luzes da Índia”, tendo sua primeira edição esgotada, reaparece num momento especial, quando a filosofia oriental destaca-se significativamente no panorama intelectual do Ocidente, que, amadurecendo progressivamente sua compreensão sobre a realidade das diferenças, encontra-se mais perceptivo para assimilação de outras culturas.

Acreditamos que “Luzes da Índia” vai encontrar o leitor envolvido no seu quotidiano agitado, e exatamente por isto, atraído pelo que de essencial lhe atrai, no conturbado mundo que o perturba, no qual “Luzes da Índia” poderá lhe oferecer o substrato de sua realidade, auxiliando-o a “aprender a SER”.

CAPA - Manoelito Damasceno
ILUSTRAÇÕES - C. Lauria
MANUSCRITOS - Nilton Souza Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Uashi

Luzes da Índia / Uashi, Shanay ; [Olivia S. Wenceslau da Silva, organizadora ; tradução e adaptação do original Olivia S. Wenceslau da Silva [et.al.]]. -- 2. ed. -- São Paulo : Carthago Editorial, 2002.

Vários pesquisadores.
Bibliografia.

1. Cultura - Índia 2. Filosofia indiana 3. Literatura sânscrita 4. Misticismo - Índia 5. Orações 6. Poesia indiana I. Shanay. II. Título.

02-1804

CDD-306.0954

Índices para catálogo sistemático:

1. Cultura indiana : Sociologia 306.0954
2. Índia : Cultura : Sociologia 306.0954

Toda a renda deste livro será destinada às obras assistenciais para crianças desamparadas.

Carthago Editorial Ltda.
Rua General Jardim, 272 — 2º andar — Conj. 24
01223-010 — São Paulo — SP
Fones: (011) 3151-5785 — Fax: (011) 3257-2258
Web Site: <http://www.carthago.com.br>
E-mail: carthago@carthago.com.br

APRESENTAÇÃO

“Luzes da Índia”, tendo sua primeira edição esgotada, reaparece num momento especial, quando a filosofia oriental destaca-se significativamente no panorama intelectual do Ocidente, que, amadurecendo progressivamente sua compreensão sobre a realidade das diferenças, encontra-se mais perceptivo para assimilação de outras culturas.

Acreditamos que “Luzes da Índia” vai encontrar o leitor envolvido no seu cotidiano agitado, e exatamente por isto, atraído pelo que de essencial lhe atrai, no conturbado mundo que o perturba, no qual “Luzes da Índia” poderá lhe oferecer o substrato de sua realidade, auxiliando-o a “aprender a SER”.

PREFÁCIO

Muitos leitores estimariam saber o porquê desta publicação que vai buscar, na longínqua Índia, poemas e orações para serem conhecidos em nosso meio. Tentaremos explicar.

Várias circunstâncias ou coincidências - interpretem como quiserem - aproximaram algumas pessoas interessadas em conhecer mais a fundo a terra gloriosa onde nascera um homem tão extraordinário como Gandhi.

Eu mesma confesso que sempre sonhei ver a Índia. Na minha adolescência, viajei com a fantasia naquelas plagas misteriosas, para onde me conduziam os palpitantes romances de Emilio Salgari. Imaginei os gigantescos templos, as sombrias florestas, as majestosas montanhas, os sagrados rios, as cidades populosas, o povo sofrido, os deslumbrantes palácios, o contraste marcante da riqueza de poucos e da miséria de muitos, enfim, todo um mundo impregnado de uma religiosidade inata, que tocava, não raro, as raias do fanatismo. Ainda me lembro que eu lia com arrepios a crueldade dos seguidores de Kali, a deusa vingativa, mas protetora, mulher de Siva, representada com um colar de caveiras no pescoço e um cinto de serpentes, que exigia um culto selvagem. A seita dos estranguladores, a ela devotados, oferecia-lhe até sacrifícios humanos. Espantava-me a rigidez bramânica das castas, comovia-me, porém, a devoção dos seguidores de Buda, sereno e pacífico. Eles, na maceração do corpo, esperavam felizes a libertação da dor e sua união com o Infinito.

Há muito se foi minha adolescência; há mais tempo ainda, Emilio Salgari.

A Índia transformou-se. Os párias igualaram-se aos sacerdotes, não eram mais os intocáveis. A nação proclamou sua independência; uniram-se sob uma só bandeira mais de 600 milhões de seres humanos.

O pequeno grupo interessado naquela terra admirável começou a se reunir para saber mais a seu respeito. Iniciou-se, assim, uma

pesquisa volvida sobretudo à sua filosofia, à sua religião, à sua arte e à sua poesia.

Não conhecendo a língua, foram lidos livros, sobretudo em inglês, mas algumas coisas foram traduzidas por um intelectual indiano.

Ficamos, assim, conhecendo mais a fundo o hinduísmo, o budismo, e outras crenças religiosas. Pudemos, desta maneira, compreender a índole do povo, e alguns mistérios foram-se desvendando aos poucos. Procuramos, sobretudo, penetrar no seu pensamento.

A filosofia indiana procura descobrir o eu e esclarecer a relação entre este eu e o princípio supremo das coisas. O conhecimento torna-se, assim, soteriológico, isto é, o meio mais nobre e eficaz do qual o homem dispõe para salvar-se. E os caminhos são vários: o da prática religiosa, o da devoção que faz com que o homem se abandone no universo, o do yoga e o do conhecimento. Na realidade, estes caminhos se integram na consciência. No cimo, porém, está o do conhecimento, que é o “fogo que tudo dissolve, que tudo transfigura e torna cinza”.

A maior das perfeições é a *gnosis*. A especulação indiana se origina, como todas as outras, da religião, fonte de onde jorra, incandescente e indeterminado, o nascente filosofar, que aos poucos se determina e se fixa nos moldes do pensamento **discursivo**. Surgem, assim, as correntes filosóficas que se combatem, mas que tocam e aprofundam os problemas fundamentais do homem. Na Índia, indica-se uma particular orientação do pensamento com o nome de *visão*, isto é, visão da Verdade.

Para chegar à Verdade, há os meios lógicos, mas estas argumentações racionais cedem lugar à experiência, que muda a Verdade em Vida. Ao conhecimento teórico sucede, pois, o drama psicológico, que subtrai o eu ao fluxo do vir-a-ser, reintegrando-o na sua pureza e plenitude originais.

A religião dominante foi o hinduísmo, que pode ser considerado como um verdadeiro sincretismo religioso, partindo das crenças védicas e bramânicas. Nele sobressaem Brahma, Vishnu e Siva, aos quais são atribuídas as tarefas de criar, conservar e destruir. Estão reunidos na *trimurti*, ou tríade indiana, representada por um corpo com três cabeças.

O hinduísmo foi realmente o veículo de unificação dos numerosos

povos que habitavam o subcontinente da Índia.

O budismo, que ali nasceu, foi uma religião que se espalhou sobretudo na China e em outras regiões, tendo apenas, em seu país de origem, uma pequena porcentagem de seguidores, ao passo que seguem o hinduísmo 83,5% da população.

Religião e filosofia ao mesmo tempo, doutrina e prática, o budismo procura responder à pergunta que outras correntes já tinham feito e que sempre terá respostas mais ou menos convergentes ou divergentes. Como pode o homem eliminar a dor de que é contextualizada a vida? Entre os seguidores do "Iluminado", distinguiram-se os discípulos mais chegados, que se dedicaram à vida monástica, seguidores do Hinayāna ou Pequeno Veículo, e outros que seguiam o Mahāyāna ou Grande Veículo. Aos primeiros era apontado um caminho rígido de abstenções e sacrifícios, oração constante, profunda meditação, que os mantinha continuamente ligados ao Infinito Ser, no qual almejavam perder-se e aniquilar-se. Para os outros, o caminho traçado era menos rígido, mais humano, diríamos, sempre, porém, baseado, na renúncia. Os dois reconheciam a quadrúplice verdade: "a da dor, da origem da dor, da necessidade de se suprimir a dor e do caminho que conduz à supressão da dor". À dor se põe termo suprimindo o desejo e a sede de viver, e a isto se chega através de oito sendas: "reta visão, reto pensamento, reto discurso, reta ação, reta vida, reto esforço, reta consciência, reta meditação". Uma trajetória, portanto, de integridade moral que, porém, para ser eficaz, deve ser aquecida pelo amor. A plenitude da retidão está, de fato, no altruísmo, na dedicação aos outros, na busca de aliviar a dor de quem nos está próximo. Abre-se, assim, um caminho de caridade em plena coincidência com o Evangelho de Cristo. As invocações ao Todo, ao Universo, ao Infinito são freqüentes nas orações que aqui apresentamos. O amor ao inimigo, o abandono da alma ao Ser Supremo, os pedidos ao Mestre para que torne mais perfeito o nosso ser imperfeito, o esforço para desvendar o mistério da vida e do universo, o desejo de conhecer a verdade que é como o farol que deve guiar-nos, são a nota constante destas preces. Elas trazem o nome de Uashi, pseudônimo de um místico e elevado monge budista, que nos legou este manancial de meditações e de conselhos, uma vida de retidão e de amor, que podem servir tanto aos budistas como aos cristãos.

As poesias são de uma desconhecida poetisa do Kathiavar, fértil península de clima de monção, situada ao noroeste da Índia, Shanay, meiga e profundamente humana, que nos faz reviver seus sonhos, suas aspirações, sua saudade, suas decepções, num ritmo ora solene,

ora agitado, em que as repetições parecem martelar as imagens para torná-las mais claras e penetrantes, dando-lhes um tom ora alegre, ora triste, num crescendo admirável.

Os conceitos expressos revelam que sua feminilidade extrapola os confins do ambiente, orientam a mulher, em geral, e a indiana, em particular. Universal e meta-histórica, ela poderia viver aqui, na Europa ou na China, ontem e hoje. Seu amor timidamente cantado nos mostra a profundidade dos seus sentimentos e uma felicidade perdida que, em vão, procura reencontrar.

Os poemas que não falam do ser amado são dedicados à sua terra maravilhosa, que se libertou da opressão estrangeira e que é bela nos seus rios, nos seus vales, nos seus montes, nas suas misteriosas florestas, douradas pelo sol ou prateadas pela lua.

Shanay também nos leva à meditação, porque ela, como seu povo, está impregnada de religiosidade e de misticismo.

O título do livro, *Luzes da Índia*, foi escolhido por um amigo, com o intuito de divulgar alguma coisa de uma nação milenar, onde o espírito domina sobre a matéria, podendo, assim, iluminar caminhos, clarear posições, resolver problemas, explicar mistérios.

Que a leitura destas páginas seja um convite para elevar a Deus a mente e o coração e para que haja maior compreensão entre os homens do **Ocidente** e do **Oriente**, pois somos, na realidade, filhos de um só Pai e, portanto, irmãos.

Salvador, 3 de maio de 1983
Gina Magnavita Galeffi

E as luzes se acenderam

Em busca da verdade que é mais caminho que encontro...

“A veces parece como si la misión de la Índia fuera a enseñarnos que si la accedemos a pagar el justo precio, podremos mantener nuestro mundo soñador del espíritu, si así lo queremos.”

“El problema no es tanto si la Índia puede contribuir como si el Occidente está dispuesto a recibir.”

CONGER P. George **Esquema de la Filosofía de la India**; Filosofía del Oriente. Fondo de Cultura Económica, México - Buenos Aires 1950.

Da ÍNDIA MILENAR, encantadoramente bela e misteriosamente sábia, onde o Ocidente hauriu, fascinado, a mágica beleza do enigma metafísico da vida...

Da ÍNDIA MILENAR, essencialmente mística, que, no Século XVIII, deslumbrou o Ocidente com o Bhagavad-Gita, com suas incessantes buscas da Verdade e incontidas interações do Humano com o Divino, do Finito com o Infinito...

Da ÍNDIA PARADOXAL, convivendo com toda a essência esotérica dos Vedas e dos Brâmanes, das liturgias e orações, dos encantamentos, dos Magos chamanes, dos Yogines se auto-hipnotizando, imergindo no mundo supra-sensível, para a efetiva União com o Universal, e absorvendo também a postura exotérica de Vivekananda e Gandhi, ardendo na pira incandescente de um Amor Ativo dirigido à realidade do seu povo...

Da ÍNDIA BIDIMENSIONAL, ora contemplativa, imersa na profunda abstração do êxtase, penetrando na indescritível Lei da Harmonia Cósmica, ora social e atuante, imersa no caldeirão político das nações, elevando a mulher a reger os seus próprios destinos...

Da ÍNDIA MÍSTICA DOS ÁRIAS e dos Dravidianos, dos Parsis e dos Mongóis, pulsando em uníssono pela paz interior; ÍNDIA “das mil faces e uma só vida, de 18 línguas e um só coração”, no dizer

do seu poeta Bharati - onde se abriga a sexta parte da população do planeta...

Da POÉTICA ÍNDIA, das edificantes narrações épicas do Ramayana e dos Mahabharata, dos versos de Tagore e Bharati; Índia versátil, conjugando o tradicionalismo de seus textos sagrados, em sânscrito e em pali, com o hindi e seus 1.600 idiomas...

Da ÍNDIA CONTRADITÓRIA dos palácios e dos bustis, envolta nos elegantes saris e luxuosas mantilhas de suas mulheres, nos dhoti e no pijama *churidar* dos seus esguios cavalheiros, ou nos tecidos fiados pelo esforço artesanal de seus filhos.

Da PORTENTOSA ÍNDIA dos marajás, rajás e nisans, dos belos jardins do Srinagar, dos campos de polo e críquete, convivendo com a fome e a miséria que assolam suas terras inundadas...

Da ÍNDIA MATERNAL, estendida aos pés do Himalaya, onde os grupos mongóis, neste norte montanhoso, se aninham carinhosamente; sulcada pelos mais largos rios da Ásia lhe cortando o seio nutritivo e generoso; banhada pelos Ganges, abrigando as cinzas do seu grande filho Mohandas Karamchand, mundialmente consagrado...

Da VELHA ÍNDIA, escrava e oprimida, sufocada e espoliada, campo de batalha da cobiça ocidental e, hoje, com a liberdade conquistada pelo sacrifício de "almas sem armas", pelo mandamento de *ahimsa*, sob a indiscutível liderança do exemplo excepcional de Gandhi...

Da ÍNDIA SÁBIA, mãe da medicina de Hipócrates na manipulação das ervas, da matemática de Pitágoras, dos algarismos hindus, hoje arábicos, influenciando Sócrates e Platão, e, no entanto, sufocada, ainda, por cem milhões de analfabetos entre os seus mais produtivos filhos de 15 a 35 anos...

Da ÍNDIA ESSENCIALMENTE RELIGIOSA, onde cinquenta milhões de muçulmanos e doze milhões de cristãos interagem com a grande massa hinduísta e a tradição budista, suckista e jainista; ÍNDIA em cujo emblema está escrita a mais bela asserção da terra: *Satymaeva jayate*, ou seja, "só a verdade triunfa"...

Da ÍNDIA ESPIRITUAL e profunda, da milenar sabedoria dos seus monges e dos seus ascetas, dos seus *sannyasin* e *síamanas*, dos seus *parivrajaka* e *asramas*, imersos na profunda abstração do êxtase... ÍNDIA festiva, manifestando-se alegremente nos festivais de Holi -

enaltecendo a primavera; de Dussera - comemorando a vitória épica do Bem sobre o Mal; do Divali - o festival das luzes, celebrado no início do inverno; das festas cristãs do Natal e da Páscoa; dos festivais muçulmanos de Id-Bakr-Ido e Muhar-ram...

Da ÍNDIA ORTODOXA DOS UPANISHAD, concebida pelos *rishis* videntes nos seus sombrios e misteriosos bosques... ÍNDIA heterodoxa, difundindo, pela voz de Buda, a Piedade, o Amor, a Gratidão, sem castas e sem discriminações; da ÍNDIA ontológica dos Vedas, dos Samhita, dos Brâmanes e dos Sutras; das filosóficas escolas de Nyaya, Vaisesika e Sankya, onde se encontram as raízes do silogismo de Aristóteles, do atomismo de Demócrito, da imperecibilidade do espírito, de transmigração das almas e da famosa doutrina Yoga, pela qual se chega à *dhyana*, à meditação, e à *samahi*, ou seja, à indescritível contemplação, ao êxtase;

Da ÍNDIA BRAMÂNICA das castas, dos sacerdotes e guerreiros, artesãos e agricultores, serventes e párias "intocáveis", dos místicos *candalos* em busca da alma Universal...

Da ÍNDIA HINDUÍSTA, com sua filosofia de vida predominando há mais de 4.000 anos no país, se impondo, respeitando as outras religiões, pregando a imortalidade da alma, a sabedoria, a fé, a ação como necessárias condições para a grande integração com o Divino, através da reta conduta, do reto pensamento, da reta ação, baseando-se na reta compreensão...

Da ÍNDIA DUALISTA, jainista de Mahavira (Grande Herói) e de Vardhama, dos 24 profetas, que acentua o célebre mandamento de *ahimsa*, a não violência...

Da ÍNDIA BUDISTA, concentrando em si a teoria do devir, pela qual as coisas vêm a ser, passam e nada permanece igual por dois instantes consecutivos; a teoria da ignorância a *vidya* e a teoria de que tudo é sofrimento - *duhkha*, insurgindo-se contra o sacrifício de animais, diversificando-se em várias escolas, mas ressaltando os seus princípios básicos como denominador comum de todas elas: o da causação, da verdadeira realidade, do totalismo, da indeterminação, da identificação recíproca, da liberdade perfeita ou Nirvana, valorizando a Gratidão e a Perfeição Interior...

Da alma dessa nação, tão antiga quanto o misterioso início do Universo, do coração desse povo que, negando a vida material, superpõe-lhe uma concepção espiritualista do mundo na eterna busca

da verdadeira essência da Ordem Universal; da Índia inexoravelmente destinada à beleza intrínseca do *Dharma*, a Lei da Harmonia Cósmica; do espírito dessa nação que se tornou viva e universal no pensamento de Ramakrishna e Vivekananda, de Keshab Chandra Sen e Rabindranath Tagore...

Do sangue desse povo que ofereceu ao mundo em holocausto a figura magistral de Gandhi, a imagem lídima de um homem extraordinariamente forte na sua aparente fragilidade física e extremamente ativo na sua passiva postura que caracteriza os grandes idealistas que fazem para teorizar e não teorizam para fazer; ele, que personificou o *exemplo vivo* de uma Amor vivenciado, como em Buda e Cristo; dessa nação extraordinariamente bela é que vieram as luzes que iluminaram as páginas deste livro, escritas com AMOR, que é a ESSÊNCIA METAFÍSICA DE SHANAY, e com a BUSCA DA VERDADE, que é a ESSENCIAL SUBSTÂNCIA DE UASHI, representando ambos a alma da Índia.

Dessa alma, tão milenar quanto sofrida, emanou o feixe de luz que se espargiu sobre as páginas deste livro, espontâneo como o desabrochar da flor e como a aurora de cada manhã que nasce, o anseio do grande encontro com a Beleza e a Verdade...

O leitor que sobre elas derramar as lágrimas da emoção pura, de que é feita a substância poética do Amor que envolve e espiritualiza e da angustiante busca da Verdade que caustica, queima, mas amadurece, possivelmente - num ignorado talvez - verá além dos olhos e ouvirá além dos ouvidos... Certamente, porém, captará o Grande Encontro que se oculta dentro de cada um de nós.

A humanidade espera por um milagre que a engrandecerá: a síntese equilibrada das tendências filosóficas do Ocidente e do Oriente, que se possa consubstanciar numa filosofia universal, única esperança da educação para a paz.

Acreditamos que a figura exemplar de Gandhi - que desenvolveu o misticismo ativo, tentando alcançar a fusão essencial, e não formal, da visão mística do mundo e a verdade da afirmação ética da vida, isto é, um misticismo que não nega o mundo - foi a mais poderosa força para essa desejada meta e a mais esfuziante luz neste campo ainda sombrio, mas sem dúvida, sonhado no **Ocidente** e no **Oriente**.

Salvador, 5 de maio de 1983
Leda Jesuino

Os participantes da pesquisa:

Ana Maria Leone

Leda Jesuíno dos Santos

Maria José de Alencar Passos

Maria Luigia Magnavita Galeffi

Olivia S. Wenceslau da Silva

Agradecem à Embaixada da Índia pelo empréstimo da bibliografia necessária e pelas informações fornecidas, agradecendo também a todos que contribuíram na elaboração e publicação deste trabalho.



Poemas de Shanay

A entrega

*Enquanto a tempestade açoitava lá fora e destruía
as belas formas da natureza*

você

amor

me protegia

daquela gigantesca

e devastadora

e incompreendida manifestação

E tapava meus olhos

para que minhas lágrimas

não fossem confundidas

com as lágrimas da natureza

E cobriu meu corpo

para que o canto do vento

não violasse meus sentidos

E você me amou

E eu esqueci

a violência daquele momento

lançando meus gemidos

nos gemidos da natureza

*E você
amor
se confundiu
em todos os sentimentos
para morrer de prazer*

Foi uma simples história

E o momento se fez

E a glória surgiu.

Tudo é vida!

Era uma vez numa cidade de Kâthiyâvâr...

Surgia a glorificação de uma existência e, naquele momento, também uma estranha luminosidade aparecia.

Eram a Vida e o Amor.

Um dia, o Tempo amigo apresentou-os.

E eles se apaixonaram.

A glorificação e a luminosidade se unificaram.

Deles surgiram símbolos que se perderam na imensidão de um espaço.

O Tempo, cansado pelas suas peregrinações, parou para ver se tudo era uma existência ainda. A Vida, amedrontada, evitou olhar aquela figura desolada e escondeu-se atrás do Amor. Ele, jovem galante, audaz, destemido, enfrentou o velho amigo e procurou afastar a Vida de um momento. Mas o Amor, diante da inexplicável presença, vacilou, pensando que ele já não era um mestre de sonhos.

E fez com que a Vida desistisse de lutar naqueles momentos de desilusão. E ela abraçou-se com o Tempo, suplicando-lhe que a levasse, pois já estava cansada do próprio amor.

E partiram.

E o Amor, com a partida dos amigos, se desorientou.

Gritou alto o nome de sua amada.

E o silêncio respondeu em seu lugar.

Pobre Amor, sem a Vida, pereceu

E a Vida, sem o Amor, perdeu-se com o próprio tempo

E os frutos de uma existência perderam-se na lógica de um momento

Era uma vez uma Vida e era uma vez um Amor.

Nostalgia

*O jardim reflete a saudade de um passado.
As flores procuram as alegrias deixadas por você
para suavizar o ambiente de um tempo irretornável.
As lágrimas são dúvidas de um amor que a própria
vida enganou, em seu afã desvairado.*

*As crianças não brincam mais no jardim.
O canto foi esquecido.
As risadas, abafadas na angústia de minhas
irrealizações.
O jardim reflete o início de um passado
O presente resplandece o futuro das incertezas.*

*Aspirei o perfume que não existia.
Abri os olhos para a distância de uma pequena
imaginação e fui absorvida pelo próprio tempo que
esqueceu de continuar sua jornada.
Pus a mão no peito para procurar um coração e não o
encontrei. Os sentimentos amargos o esconderam.*

O jardim reflete a saudade de um passado.

*Minha casa é você, natureza, onde sinto a
proteção da lua que me vigia em suas pernoitadas
porque ela é a deusa da noite.*

As estrelas são o teto de meus pensamentos.

*As nuvens são cortinas que encobrem um tempo
esquecido e o segredo... meu corpo.*

Incertezas

Há, no horizonte, uma imagem que meus olhos não conseguem ver.

Há um bramido longínquo que meus ouvidos não conseguem perceber.

Há um doce aroma que não consigo sentir.

Há um mistério pairando sobre mim e não consigo decifrá-lo.

Há espumas de perdidas ondas que beijam meus pés e não consigo detê-las na branca areia.

Há um suave abraço que envolve meu corpo e não consigo transmitir um retorno.

Há uma canção que penetra no vazio da tristeza e não consigo confundí-la com a alegria.

Há o brilho do sol que banha meu ser e não consigo torná-lo quente como desejaria.

Há, no horizonte, uma imagem que meus olhos não conseguem ver.

Será você ou serão minhas fantásticas jornadas pelo impossível?

Em minhas peregrinações
quando julgava que a vida não era um presente
e sim passado, surgiu você
acompanhado de todos os tempos em Kâthiyâvar
para dar-me como amigo
um incerto futuro ainda trôpego vacilante

Procurei sondar o impossível e só encontrei
o possível
na própria vacilação de um tempo
e de meus sentimentos
que se unificaram e perderam-se
no universo das quimeras

A chegada

Naquela velha clareira, você lutava para mostrar a beleza irradiada que surgia de sua imagem.

As copas das grandiosas árvores sussurraram, com o vento brincalhão, a demonstração de um sentimento mesquinho, para que a bela imagem não ofuscasse o tranqüilo silêncio vindo da sombria clareira.

Você lutou e o vento sorriu embaixo, bem escondido, nas folhagens que procuravam se unir mais ainda, a fim de que você se perdesse na longitude de minha vontade.

Nuvens correram, apressadas, envolvidas pelo capricho da noite, para que nada perturbasse sua jornada.

Meus olhos sondaram o infinito e sua presença não era presença porque tudo era noite na própria noite.

Você lutou.

E o vento sorriu

E as nuvens se abriram, com respeito.

E as copas das grandiosas árvores balançaram empurradas pelo inquieto vento.

*E você surgiu com sua imagem de luz
majestosa.*

Meus olhos se fecharam.

A noite ficou mais misteriosa.

E você, lá do alto, brincou com tudo.

A natureza acordou as aves noturnas.

*A clareira parou a fim de ouvir o silêncio se
afastar para dar entrada à orquestra noturna.*

*E você iluminou seus músicos, ocultos nos
arbustos.*

A vida tornou-se estranha.

Um silêncio afastado.

*Um barulho suave dentro da suavidade de um
momento.*

Tudo era luz.

Meu corpo gemeu de prazer.

Meu espírito se elevou.

Era a chegada da bela e arrogante lua.

O meu fazer

Eu que fiz de você *meu sonho*
Eu que fiz de você *meu amor impossível*
Eu que fiz de você *minha vontade*
Eu que fiz de você *meus obstáculos*
Eu que fiz de você *a sublimação de uma irreabilidade*
Eu que fiz de você *o amante perdido de meus*
 desejos
Eu que fiz de você *o filho que não houve*
Eu que fiz de você *a arrogância de minha pessoa*
Eu que fiz de você *algo que não se concretizou*
Eu que fiz de você *a existência da inexistência*
Eu que fiz de você *o sorriso de minhas tristezas*
Eu que fiz de você *o pranto que não houve*
Eu que fiz de você *a ironia de minha vida*

*As palavras se encarregaram de levar
com o tempo amigo
tudo aquilo que construí
pedaço por pedaço
E você, amor, não soube
como cavalheiro audaz,
enfrentar aquilo que nunca existiu.*

Vênus

mistério do meu conhecimento

Vênus

parte do meu ser

Vênus

parte do meu desfalecimento

O surgir de uma incógnita

Ah! Silêncio, fale comigo para que a tristeza não me domine!

Olhe comigo a lua misteriosa encoberta pelas nuvens que procuram evitar sua nudez.

O vôo da ave já está-se perdendo no vago horizonte. Seu grito já não é mais ouvido porque a noite domina a tranqüilidade.

Surgem pontos de luz na imensidão do espaço e dentro de mim.

Fale comigo, oh! silêncio, que a penumbra está desejando entrar no meu quarto.

A lua está sorrindo do meu desespero, e os pontos de luz já procuram fugir de dentro de mim.

Se você não falar comigo, chamarei meu irreal amor e ele, com certeza, ficará na alegria de uma inexistência.

Ah! meu silêncio, fale agora comigo, pois a noite é minha confidente e me deixará cheia de ilusões.

O vento está-me chamando.

Bate à minha porta.

Meu medo não me deixa abrí-la.

*E agora?
Fale comigo, Silêncio!*

*Ah! a penumbra já está comigo.
Não fale mais, fique no seu próprio silêncio.
Ah! estou embalada na tristeza de meus
sentimentos.*

*A noite entrou no meu quarto.
Estou sendo possuída pelo seu mistério...
Tudo é lindo.
Ah!*

Vacilações

*A noite está desejando minha companhia.
Abri as janelas de minhas recordações
para que ela visse como também sou
uma penumbra.*

*A noite está desejando minha companhia.
Alarguei meus horizontes
para que ela visse como também sou livre
na imensidão de meus desejos.*

*A noite está desejando minha companhia.
Abri minha solidão
para que ela visse como sou feliz
na minha inquietude.*

*A noite está desejando minha companhia.
Abri todo o meu nada
para que ela visse que tudo é sempre
um nada.*

*Abracei-a
e ela perdeu-se
na sua própria solidão*

Contradição

Mulheres coloridas que vagam absortas em seus mundos fantásticos... Pés que pisam a maciez da terra mãe não sentem as amarguras que percorrem todo o caminho traçado pela suavidade e ignorância dos coloridos.

Mulheres brejeiras e enigmáticas que sulcam o corpo do amante que perdido na loucura de um momento.

Mulheres sinceras e ardilosas que impregnam de perfume um ambiente de múltiplos odores, onde a presença de um homem confunde a fragrância.

Mulheres belas e tristes que fazem dos seus sonhos o sonho do amante desejado que mistura seu prazer com a doce ilusão.

Mulheres... Mulheres que são tudo e nada são nos braços do homem amado.

Revelação

*Desnudei meu corpo, meus sentimentos.
Desnudei a verdade e também você.
Sondei o universo e, lentamente,
retirei as nuvens de uma fantasia.
Desnudei todo o real e sua existência
para vesti-lo com o véu da mentira.
A natureza se cobriu diante da minha passagem.
Mas a vontade deixou-a nua
e eu pude observar os frutos de uma união:
 Universo / Terra.
Nua como quis.
Passei as mãos em seu ventre
e senti o palpitar de nova vida.
Desnudei rios e lagos
e senti a plenitude de um mistério.
O sol se escondeu, mas minha mente o procurou
para desnudar sua vaidade.
Tudo está claro!
Você, preso a meus desejos.
A natureza, subjugada a momentos.
As sombras, voltadas a um espaço
E eu, senhora de glórias presentes
e o momento, de glórias passadas.*

*O ano era meu amigo
porque me deixou gozar a vida.*

*O ano era meu amigo
porque me deixou respirar esse tão puro e saudável
ar.*

*O ano era meu amigo
porque me deixou amar as belezas existentes na
natureza.*

*O ano era meu amigo
porque me deixou ser eu mesma.*

*Seus braços apertam meu corpo
A luz é sombria
Entrego-me a sonhos desvairados.
Pela janela
a curiosidade da lua
O mar brame nos rochedos
e espuma com raiva
pela não aceitação de ondas
nas brancas areias*

*Seus braços apertam meu corpo
O vento procura o canto
a fim de deixar-me louca
no desvario de um desejo*

*Seus braços já não me apertam
Perdi-me na trajetória
de um adeus
E fingi ser a ilusão de um momento*

*Seus olhos procuraram os meus
Escondi-os na arrogância
de uma frustração*

*E você procurou o sono
para se entregar
E eu
a lua perdida na misteriosa noite
Fui encontrar um céu
vazio de imagens*

Acalanto

Durma, amor,
para que meus sonhos embalem seus sonhos.
Durma, amor,
para que meus desejos afoguem seus desejos.
Durma, amor,
para que seu despertar seja meu despertar.
Durma, amor,
para que seu dormir seja meu dormir.

Que o mundo durma, também,
no acalanto de nossos corpos!
Durma, durma, amor,
que tudo será o silêncio de
nossos momentos.

Contraste

É interessante ouvir...

... seus sussurros nessa densa mata

... suas risadas no meio dessa ventania

*... seus lamentos no meio da sonoridade
do canto das aves*

*... seu pranto no meio da alegria dessa
natureza*

... falar de amor no meio das minhas angústias

... falar meu nome no meio de tantos nomes

... seu chamado diante de tanta balbúrdia

... nada diante de tudo

Desencontro

*Todos prontos
A dança vai começar
Unem-se as ilusões*

*O salão está ainda vazio
Em um canto
vêm-se as meigas
e sonhadoras irrerealidades
vestidas de nossas fantasias
criadas por um momento*

*Do outro lado do salão
sorrindo galantemente
os amores passageiros*

*A orquestra começa a tocar
seus primeiros acordes.
É uma valsa?
Quem terá coragem
de iniciar a sugestiva dança?*

*O Amor
mais ousado*

*procura
sua ideal companheira
Outros
timidamente
o acompanham
Seu olhar
encontra a desejada*

*Vai formar-se um par interessante
Uma incógnita Ilusão
E um ousado Amor
Outras ilusões
Agarram-se a outros amores*

*O salão já está cheio
Observo quem errará
no compasso
da fantástica dança*

*Engraçado
Todos estão perdidos
A orquestra toca sozinha
Ninguém se entende...*

*Ah, sim!
Entendi porque
Se desentenderam...*

*Que petulância!
Convidar a mais bela
e mais rica Ilusão
para se declarar naquele imenso salão
Ele
um pobre Amor
que nada tem
para oferecer*

*A música continua
E os pares rodopiam
sem obedecer ao compasso*

*Que pena!
Falta a mais bela dama....*

*Descobri
no fim do salão
um único par harmonioso*

*Ela
séria
compenetrada
não olhava
seu companheiro*

*Ele
sorria e a abraçava
com certo carinho
Mas sua atenção
estava na música*

*Que houve?
Desentenderam-se?
Abandonaram o salão*

*Perguntei
à minha companheira
quem eram
aqueles dois
E ela me respondeu
com sarcasmo
Um Falso amor
e uma Doce ilusão*

Um vazio

Quando a *tristeza* dominar-me,
farei de você meu *passado*.

Quando a *alegria* dominar-me,
farei de você meu *sonho*.

Quando a *saudade* dominar-me,
farei de você minhas *recordações*.

Quando o *amor* dominar-me,
farei de você minha *preocupação*.

Quando a *indignidade* dominar-me,
farei de você meu *perdão*.

Quando a *sublimação* dominar-me,
farei de você meu *inconsciente*.

Quando a *lógica* dominar-me,
farei de você meu *mundo irreal*.

Quando *nada* dominar-me,
farei de você meu *vazio*.

*A natureza aplaudiu o sopro suave do vento.
As árvores despertaram com a alegre brisa matinal
que convidava as folhas para brincarem consigo.*

*O sol piscou no alto e deixou seus raios fluírem
na sedenta terra. O canto de uma ave trouxe magia à
mãe preguiçosa que ainda não tinha despertado.*

*O lago solitário deu vida às águas e a brisa se
arrastou, suavemente, em suas margens. As águas
ficaram perturbadas e se enroscaram nas ondas
construídas pela timidez de sua solidão.*

*O sol abriu o mundo da luz e as nuvens ficaram
diáfanas para dar lugar à chegada de mais um dia.*

*A Natureza espreguiçou-se e levantou-se para
que o vento lhe penteasse os cabelos que caíam nas
copas das árvores. O lago banhou sua meiga face que
se refletia nas plumagens de aves soltas nas margens.
E o Dia se embelezou para a Natureza que estava à
sua espera, faceira e radiante.*

E se abraçaram e se realizaram num tempo.

Que brincadeira

Eu que fui eu, não sou mais.

Por quê?

Você que era você, não é mais.

Por quê?

O amor que era amor, não é mais.

Por quê?

*Cobre a minha mente aquilo que não é mais a
verdade de meu sonho.*

Bate o Destino no meu Presente.

Vem cauteloso...

*Empurra meu Passado para que ele penetre no meu
Presente.*

*Entra sorrateiramente e brinca com meu Futuro que
aguardava ansioso esse destino.*

Brincam e esquecem de mim.

Pobre Presente!

Ficou também esquecido.

Ah! Destino, convido-o a sair do meu Presente.

*Ah! Futuro, convido-o a participar também da
minha solidão.*

*Se não quiser, peço-lhe que acompanhe seu novo
amigo, esse Destino.*

A busca do leito

A terra prepara-se para seu sono.

O sol

procura o leito

no horizonte.

Nuvens o cobrem

para escondê-lo

da curiosidade do dia.

O lago

procurou adormecer

em sua própria tranqüilidade.

Os sons

existentes

na presença do próprio silêncio

sumiram

com a chegada da bela e misteriosa noite.

Procurei seu ombro amante

para dormir

com o dia amigo

e cruel também

para a existência daquilo que só é vivo

na confiança da noite.

Era uma vez...

Uma tarde serena.

O céu e o mar, nesse dia, misturaram-se perto do horizonte e observavam a tranqüilidade de uma ave perdida num vôo solitário.

O sol não refletia o prateado igual à brancura de suas plumas.

O bramir de um longínquo som dava uma certo temor à fragilidade de sua distante imagem.

Ondas procuravam alcançar seu vôo e se quebravam em sua própria fúria.

O céu foi pintado, rapidamente, pelas cores dadas pelo sol e aquele movimento no espaço infinito confundiu-se em sua beleza.

Longe, uma imagem, cansada, desejosa de voltar a uma firmeza que só a terra oferece.

As ondas lutavam para galgar o imenso infinito.

O vôo se torna lento.

A altura é um espaço galgável.

Espumas já alcançam seu medo.

A vontade é presa nas águas bravias.

*E o céu e o mar testemunharam o sumir
daquela frágil presença, nas turbulentas águas de
um entardecer.*

*Era uma vez uma linda e livre gaivota que se
perdeu em seus sonhos.*

Uma íntima reunião

Hora em que a tarde prepara-se para o encontro com a noite envolvida no seu mistério de incertezas. Ah! a noite começa a possuí-la.

*“Sentem-se comigo, meus sonhos,
para que eu possa possuí-los também!
Escondam-se em meus desejos
para que eu possa sufocar minhas tristezas!
Sentem-se comigo, meus sonhos,
para que meu pranto envolva-se nas alegrias
adormecidas nesse ser incompreendido!*

*Sentem-se comigo, meus sonhos,
só um momento,
para que todo o presente
seja um momento”*

*A noite possui a tarde que morre,
lentamente, de prazer.*

*O sol caminha, rapidamente, para se esconder
atrás do horizonte, vermelho pela manifestação do
desejo das duas oposições.*

*“Sentem-se comigo, meus sonhos,
para que possamos manifestar nossos desejos!*

Não fuja, meus sonhos!
Não fuja, meus sonhos!
A noite é insaciável.
Ela pode possuir-me também
e afogar-me em seus mistérios...

Ah! estou perdida, agora, na sua penumbra...
Não fuja, meus sonhos!
Não fuja, meus sonhos!

Que pena!
A tarde surgiu, também, dentro de mim
Agora, tudo é tarde.
Fuja, fuja, meus sonhos!
Fuja, fuja, meus sonhos,
porque a noite confundiu-se comigo."

É tarde.

Entardecer

Boa-tarde, tarde.

Está chegando a hora de sua partida.

Boa-tarde, tarde.

*O céu está-se colorindo e abrindo suas portas
para recebê-la.*

Boa-tarde, tarde.

*O sol está cansado de passar tantas horas com
você para não deixar as sombras perturbarem-na.*

Boa-tarde, tarde.

*As nuvens estão afoitas e correm numa ânsia a
fim de protegê-la do frio da noite.*

Boa-tarde, tarde.

*A terra está parando para participar do repouso
seu.*

Boa-tarde, tarde.

*O mar se agita, inquieto com medo de sua
ausência.*

Boa-tarde, tarde.

*Os rios e lagos dormem no embalo da canção
da ave.*

Boa-noite, tarde.

*Durma, agora, porque também quero repousar
minha cabeça em seus braços.*

*Durma, tarde, para que o embalo da sonata
nine sua fragilidade.*

O espaço lançou o cobertor da noite.

Durma, tarde.

*As estrelas estão brilhando para não deixarem
seu sono no escuro da intranqüilidade.*

Durma, tarde.

*O céu está-se fechando para que o Messias da
paz fique nos corações tementes da noite.*

*Durma, tarde, que o dia, pode chegar de
surpresa e não deixará você dormir tranqüila.*

É noite. O céu dorme.

É noite. A terra dorme.

É noite. A tarde dorme.

O encontro

*Lá está ele, majestoso, tranqüilo.
Uma pedra, jogada ao acaso, perturba seu silêncio.
Aborrecido, se treme.*

*Há uma curiosidade no fim da margem.
Todos procuram mirar-se no espelho do seu leito.
Várias formas se apresentam.*

*Lá está ele, impassível.
Imagens... Cada um que descubra seu formato.
Majestoso, cruel muitas vezes.
Um mergulho em suas águas, um desejo.*

*Todos se afastam.
Pisa as suas margens um Marajá
Levemente, somente ele.
Começa a se banhar.
Agora não se sabe quem é mais majestoso.
Reflete o rosto, altivamente.
O rio recebe-o, negligentemente.
Dois orgulhos se afrontam.*

*Um treme. O outro mergulha, em sua condição de
nobre*

A imagem lá está.

O rio tira-lhe a beleza e sorri com a leve brisa.

E ele lá está, majestoso, sem modificar o aspecto

O Marajá sai batendo os pés e as mãos.

Quem lá ficou, está sendo aplaudido.

Um nobre se curva diante de outro nobre:

É o Ganges.

Interrogações

De onde vem este lamento?

De onde vem este grito sufocado?

De onde vem esta risada sarcástica?

Quem poderá tapar meus ouvidos?

Será a ressurreição de meu inconsciente?

De onde vêm estas palavras injuriosas?

De onde vem esta arrogância?

De onde vêm tantas desgraças?

Quem fechará meus olhos?

Será a infâmia de minhas fraquezas?

De onde vem tanta alegria?

De onde vem tanta vontade?

De onde vem tanta bondade?

De onde vem este sentimento nobre?

Quem abrirá as portas de meu coração?

Será você, ó vestígio da doce ilusão de um mundo melhor?

Destruição

Estão queimando um “busti”.
As chamas ardem impetuosamente.
A razão isolou-se para espreitar uma angústia
que dominava olhos sem brilho.

O busti está sendo queimado.
Os restos permanecem nas implacáveis chamas
que devoram meus brios, minhas recordações...

Tudo é um resto.
Meus amigos choram comigo.
Cinzas.
O fogo conseguiu devorar meu frágil ser.
Meus amigos choram meu vazio.

Busti - casebre

Ave Maria

Ah, mulher bendita em que a luz se projetou em forma de um Mestre!

Ah, mulher predestinada em que a vida se fez mistério!

Ah, mulher oriental em que o sorriso se tornou o enigma do sofrimento!

Ah, mulher solitária que as mãos de um Mestre lançaram no jardim de espinhos para que a esperança fosse sua força!

Ah, mulher-mãe cujas lágrimas fizeram de seu rosto a simbologia da dor!

Ah, mulher-esposa em que a renúncia se fez presente.

Ah, mulher-filha cujo passado se fez amigo de um futuro.

Ah, mulher bela e pura que fez do mundo a glória de esperanças.

Ah, mulher em que a compreensão se aliou à sua graça!

Ah, mulher rainha de lares!

Ah, mulher de braços vazios, pois dele seu filho foi retirado!

Ah, mulher forte em um frágil corpo!
Como admiro você!
Dê-me um pouco de sua vontade, Mãe de um
grande Mestre!

Esta é a Índia

O amigo que desejar conhecer a Índia, ficará inibido porque ela vive com seus braços cruzados no peito e jamais lhe estende as mãos pela grande timidez que a domina.

Índia mística, encabulada, onde a vida caminha por seu imenso corpo, sem vontade, sem ânimo de acompanhar um tempo que desconhece línguas e religiões para somente concentrar-se no mistério de si mesma.

O amigo que desejar conhecer a Índia não procure ver suas praças porque elas formam uma única massa humana em que o grito não fala mais alto que o silêncio.

Índia sonhadora em que as mulheres escondem a beleza de seu rosto na tristeza de seus sentimentos.

O amigo que desejar conhecer a Índia, ficará magoado pela não existência da comunicação.

Índia dos amores impossíveis e possíveis, onde o egoísmo é abafado nas paixões reais.

Índia que afronta a miséria, a dor, a fome, através de uma fé insubstituível, onde os casebres se humilham em frente aos grandiosos palácios.

O amigo que desejar conhecer a Índia, procure entendê-la, quando a violência for torturada em praças pela grande sabedoria de um homem, nosso Bahpur que soube perdoar a essa inimiga da verdade.

Índia de sábios mestres que, através de palavras, silencia a ignorância de outras irmãs, separadas por um espaço e uma cultura.

Índia em que as serpentes não são tão perigosas como a ambição ocidental.

Índia ante a qual me curvo por sua simplicidade, por sua filosofia e por seus mistérios.

Índia tão incompreendida!

Índia, onde o passado é um presente.

Índia onde a vida boceja, sem pressa de chegar nos caminhos construídos pela imaginação fértil da ambição.

E o Mestre segurou-a com cuidado e deitou-a em seu mundo, fechando as portas do Oriente e do Ocidente e partiu para o imenso Universo.

O sol aproximou-se para espreitá-la e não quis se afastar: fixou-se em seu vasto mundo.

A lua tornou-se a misteriosa deusa de suas janelas e ela despertou.

A luz e o calor deixaram-na sonolenta em um mundo.

A solidão acordou-a mais rapidamente que a própria verdade.

Estranhos bateram à sua porta e invadiram a sua única e familiar região dada pelo Pai e desarrumaram tudo aquilo construído com amor.

Seu coração bateu mais forte. Um grito foi lançado para o Ocidente e o Oriente a fim de que ouvissem um desespero.

O Mestre estava longe. Não podia ouvir a filha. E violentaram-na.

Diante da angústia, a Esperança que entra com prudência, a retira das mãos de uma corja. Tudo era sombrio.

As luzes foram acesas.

E quando o Mestre retornou, ela estava sendo acalentada pela Esperança.

E Ele sorriu. E ela chorou.

E Ele abraçou-a. E ela aconchegou-se mais ainda em seus braços e adormeceu novamente.

E o Mestre, vagarosamente, afastou-se com a Esperança.

E a pergunta foi lançada: “Quem é esta meiga e amada filha?”

É a misteriosa Índia.

E o vazio ficou

A Índia está com sono. Bocejou. Espreguiçou-se e foi dormir.

Dormiu pesadamente, pois não acordou com o barulho de corpos caindo em seu imenso ventre.

Como consegue dormir?

Não ouviu o choro da criança esfomeada que tateia com suas magras mãos o peito seco. Será que seu cansaço é tão grande que não consegue despertar, ainda que os gritos ecoem por todas as suas partes?

Como ela se abandona em seu tranqüilo sono!

Não desperta, mesmo com as batidas insistentes de uma geração nova que se comprime em seu vazio ventre desejando sair desse escuro.

As batidas de tantos corações não a despertam?

A Índia dorme.

O vazio de seu filho que lhe queria tanto, ela não percebeu.

Será que o regaço materno vai ficar vazio?

E a canção de ninar? Para quem ela vai cantar?

As roupas de seu corpo estão machucadas ainda pelo repouso do filho que dormia em seu colo e passava as mãos em seu peito à procura do alimento.

*Todos acordaram com o lamento de um vazio
deixado.*

Mas ela não acordou.

*Vou ninar, agora, minha esquecida Índia para
que ela durma mais ainda porque tenho medo de seu
despertar.*

*Roupas machucadas, roupas manchadas seu
aspecto está tão feio!*

*Enquanto dormia, desarrumaram a minha doce
mãe e roubaram seu filho querido.*

Em sua ninhada, falta um.

Dorme, Índia, dorme.

É melhor sonhar.

Reflexões

*Onde encontrarei a
verdade se a escondo
sempre?*

*Fui procurar uma
verdade e encontrei
duas: uma foi minha
existência; a outra
foi minha dúvida.*

*A grande filosofia
só é verdadeira,
quando a razão não
acompanha seus
passos.*

*A verdade deixa de
ser verdade, quando é
uma verdade.*

*O homem que
dialoga consigo
mesmo está
construindo, em seus
momentos de
reflexão, um caminho
de certezas para suas
incertezas.*

*Quero fazer de
minhas fraquezas o
ponto da glória de
minha suprema
vontade.*

*Quando se calçam
as sandálias da
vontade, o caminho
se torna menos
áspero.*

*Bendito é o ventre
da natureza que
diante do murchar de
uma flor, gera outra
flor.*



Preces de Uashi

A luz está acesa

A vontade acompanha seu esplendor.

*As mãos, levantadas à sua trajetória para sondar
um caminho de glórias surgidas pela atitude do
manifesto extravasado de uma vontade.*

*A luz aumenta, quando passos vacilantes desejam
prosseguir no caminho do desconhecido.*

*Uma voz chama à distância como apelo da
necessidade de uma realização.*

*Olhos abrem-se ao Infinito e buscam verdades
insensíveis ao fraco conhecimento.*

*A luz pisca inquietamente para as vacilações de
um ser alheio a tudo que se propaga no consciente
subordinado à sua vontade.*

*A luz! A luz chama-nos para prosseguirmos e
conhecemos o fim dessa trajetória.*

*Mente e sentidos se manifestam em uma glória:
descobrir a mistificação de uma verdade que deixa de
ser verdade diante do medo de um ser humano.*

*A luz é sempre luz e nós, humanos, uma sombra
projetada pela ignorância.*

Oh, todo Universo!

- ... aconchegue minha frágil pessoa no colo protetor da mãe natureza para que as forças malignas sejam sufocadas pela força protetora do meu inconsciente!*
- ... faça de meus sentimentos o guardião de minhas pequenas fraquezas!*
- ... mostre à minha frágil pessoa que nada sou diante da sua grandiosidade!*
- ... abrace sempre minha frágil pessoa para que não se amedronte diante da penumbra de meus pensamentos!*
- ... dê à minha frágil pessoa um sempre presente diante de um passado obscuro!*
- ... segure a minha frágil mão para que a outra mão confiante se estenda a meu necessitado próximo!*
- ... confunda minha frágil pessoa com a fortaleza de seus sentimentos!*

Perto do meu Mestre, sinto que

*... meus sentidos estão-se tornando mais perfeitos.
... meu espírito está-se tornando mais humilde.
... minha boca está-se tornando mais cautelosa.
... meus olhos estão-se tornando mais confiantes.
... minhas mãos estão-se tornando mais generosas.
... meus ouvidos estão-se tornando mais surdos.
... meus irmãos estão-se tornando mais irmãos.
... a Natureza está-se tornando mais amiga.
... meu inimigo está-se tornando mais meu irmão.
... eu sou seu amado filho.
... a vida está-se tornando mais vida.
... sou um ser tão pequeno diante de sua grandeza.
... suas mãos são minhas.
... sou todo Ele!*

*A brisa veio acariciar minhas cãs e a noite
aconchegou-se mais a mim.
Meu corpo fatigado repousou nas minhas reflexões.
A brisa embalou meu sono fugidío e meus olhos
esconderam-se na elevação de um inconsciente.
A noite suspirou baixinho para que seu resplandecer
não perturbasse meu silêncio.
O Infinito veio a mim.
Pontos luminosos eram minha visão.
O pulsar da natureza era meu coração.
A imensidão de um espaço era meu corpo.
Os braços do Mestre eram meus braços.
Senti-me um espaço em um tempo e eu tornei-me a
glória do Mestre.*

Senhor Poderoso Mestre do Infinito

*... dai-nos um pouco de vossa bondade, para
que a insensibilidade não domine o pouco do
maravilhoso que ainda resta em nós.*

*... ponde em nós vossos olhos eternamente abertos
para essa incógnita vida, para que nosso ser não
tema diante da eterna noite que procura dominar
nossos dias.*

*... mostrai-nos a verdade, para que a falsa mentira
não domine a lógica do nosso raciocínio.*

*... gritai bem alto, para que nossos surdos sentidos
tenham consciência de que nada somos diante de
vossa magnitude.*

*... convervai nosso corpo perfeito como Vós nos
destes.*

... conservai nossa mente pura como Vós nos destes.

Oh, espírito das trevas!

... procurai aquele caminho onde a luz jamais se apaga para o viajante perdido.

... não perturbeis nosso caminho onde a jornada é bela neste momento presente.

... deixai que nossos sentimentos não se amedrontem diante da fraqueza de seus sentidos.

Senhor Mestre! Fazei-nos cegos quando a presença do mal estiver próxima.

Oh, Mestre! Defendei-nos das trevas.

Oh, Mestre! Somos tão frágeis diante dos obstáculos, por isso derrubai-os para que possamos prosseguir nossa jornada.

Oh, Mestre! Somos filhos e discípulos de vossa bondade. Ensinai-nos sempre a verdade e jamais apagueis a luz do nosso caminho.

Obrigado, bela Natureza por

... fazer-me seu filho.

... deixar-me respirar esse puro ar.

*... dar-me esse mar tranqüilo e revolto como as
manifestações de meu espírito.*

*... fornecer-me esse imenso Universo para que um
dia eu possa descobri-lo com minha insignificante
sabedoria.*

*... dar-me estes curiosos olhos que tanto ajudam a
uma eterna descoberta que surge através da minha
vontade.*

*... saciar essa fome que aparece sempre vinda da
necessidade de meu corpo.*

*... dar-me o riso que desabrocha de minha infame
boca.*

*... deixar que as lágrimas banhem um rosto sofrido
e infeliz.*

*... fazer de minhas pernas o meio correto para minha
locomoção.*

*... dar-me tão fortes braços que não me deixam na
dependência de meu próximo.*

*... ter-me feito tão sadio e tão gigante para enfrentar
esse mundo tumultuado.*

*... deixar-me apreciar a troca dos fenômenos gerados
por você.*

*... ter-me dado sentimentos que fazem meu irmão
feliz quando não abuso dos mesmos.*

*... dar-me esperança de um dia poder conhecê-la mais
de perto.*

Obrigado, obrigado.

Estendo as mãos para o Infinito e

... suplico aos mistérios que habitam o vazio de um espaço, energia para meu corpo, meu cérebro, meu espírito.

... deixo que a nudez da verdade seja coberta pela gloriosa filosofia oriental.

... deixo meus olhos sondarem um espaço limitado para que eles possam limitar um mistério existente em minha ignorância.

... procuro, através da minha vontade, a presença de um ser capaz da construção de um possível vindo de um impossível.

*... obtenho a única verdade:
"És filho do mistério da natureza".*

Mestre Amigo,

... aqui estou para lhe agradecer a bondade de seus meigos olhos que se estenderam à angústia de meus momentos.

... aqui estou para lhe agradecer a verdade que deixava de ser verdade diante da própria verdade.

... aqui estou para lhe agradecer a sua sabedoria tão grande diante de minha sabedoria.

... aqui estou para lhe agradecer a procura da razão que deixava de ser razão diante da minha mesquinhez.

Deixe que eu, agora, Mestre, diante do Pai do Universo, me humilhe, mas deixando falar meus sentimentos bem alto:

Obrigado, Mestre da Ciência e da Verdade, pelos que não souberam entendê-lo.

Meu Mestre, estou diante de Vós, procurando redimir falhas que conscientemente pratiquei. Peço-vos um perdão a fim de que meus sentidos não sejam violentados através de uma agressividade que vive oculta em minhas supérfluas ideologias.

Meu Mestre, estou diante de Vós para, com Vossa bondade, fechar minha boca que, muitas vezes, não conheceu a discricção dos atos de meu próximo. Como fui leviano!

Mestre, queria tanto Vosso perdão!

Peço-vos, através de uma única manifestação vinda desse puro ar que me destes, sem nada exigir de mim, uma misericórdia, para que não me perca nos caminhos da ingratidão. Tapai, Mestre, meus ouvidos a fim de que eles não recebam falsas verdades e eu seja conduzido a um lugar sombrio e de lá não saiba voltar.

Será, meu Mestre, que a ignorância quer ser minha companheira? Não deixeis, Divino Senhor Mestre do Saber, que ela me acompanhe!

Ah, Amigo de minha existência, preciso muito de Vossa presença.

Será que posso dar-Vos, ainda, minhas mãos para que elas não fiquem vazias?

Sou filho ingrato que nunca soube reconhecer a beleza de momentos da vida, esse calmo sono, esse despertar tão cheio de Vossa presença. Sei que um dia, Vós, meu Pai, dareis o perdão e me abençoareis, falando com amor:

“Receba minha bênção e meu perdão, filho amado.”

Estou com a chave que abrirá as portas do Universo. O meu Criador e grande Pai forneceu-ma. Elevou as mãos caridosas e empurrou-me a fim de que eu pudesse seguir um caminho sem temer a volta, pois a chave da porta estava comigo. E abri todo o Universo e conheci a sua distância. Mas não a temi. O vento arrepiou-me e quis me arrastar ao mundo das necessidades. Envolvi-me no manto da glória e sorri para o imaginário e vi o sorriso da concretização de minha vontade.

Pontos luminosos ofuscaram minha limitada visão, mas a divindade da verdadeira luz ofuscou-os mais ainda e eu pude entender um pouco do Universo. Uma porta que continuava fechada, eu abri com a ajuda de meus pensamentos e o Universo acenou-me com a imensidão do desejo e pude ver a manifestação de meu criador.

Fiquei íntimo da vida e segurei com mais força a chave dada por meu Pai e tive a certeza de que já era um filho, dono de si mesmo e um eterno protegido do senhor do Universo.

Como sou feliz! Tenho o segredo da Vida e o grande amor de meu Pai.

ÍNDICE

Apresentação	3
Prefácio	5
Poemas de Shanay	17
Reflexões.....	67
Preces de Uashi	79

Impresso em off set



Rua Clark, 136 - Moóca
03167-070 - São Paulo - SP
Fone fax 6605 - 7344
E-MAIL - bookrj@terra.com.br

com filmes fornecidos pela editor